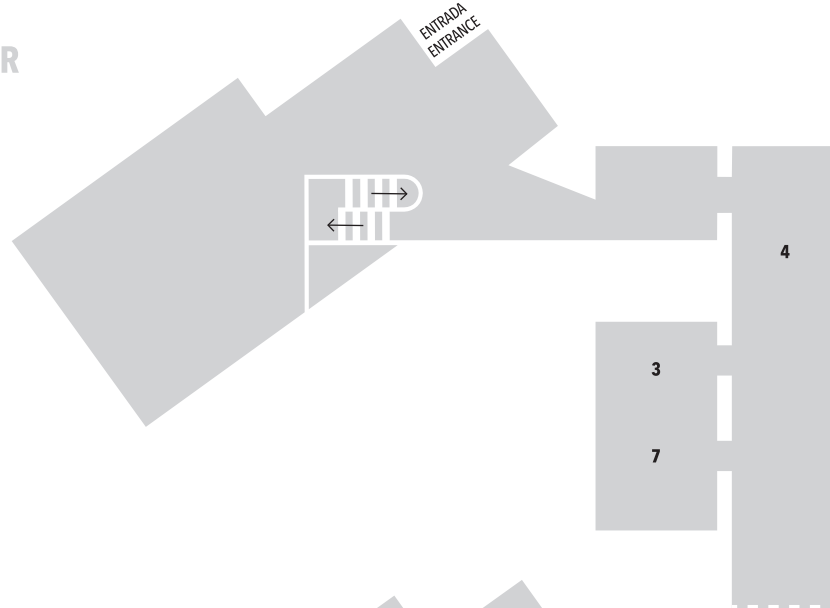
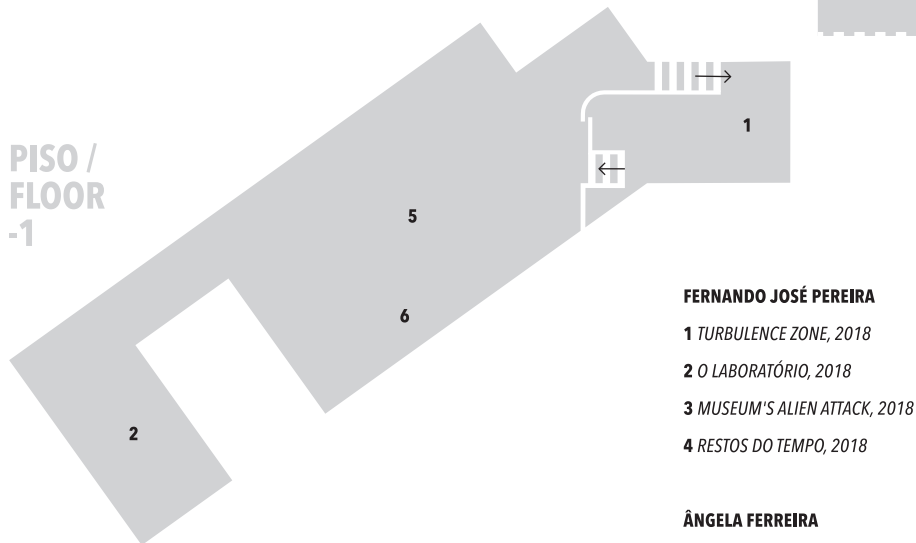


PISO  
FLOOR  
0



PISO /  
FLOOR  
-1



**FERNANDO JOSÉ PEREIRA**

- 1 *TURBULENCE ZONE, 2018*
- 2 *O LABORATÓRIO, 2018*
- 3 *MUSEUM'S ALIEN ATTACK, 2018*
- 4 *RESTOS DO TEMPO, 2018*

**ÂNGELA FERREIRA**

- 5 *INDÉPENDANCE CHA CHA, 2014*
- 6 *ESTUDOS/COMPÓSITOS*
- 7 *ESTUDOS/COMPÓSITOS*

**ENTRADA GRATUITA / ADMISSION FREE**

Avenida Unisco Godiniz 100, 4780-366 Santo Tirso

N 41° 20' 39.2" W 8° 28' 20.4"

[miec.cm-stirso.pt](http://miec.cm-stirso.pt)

[mmap.cm-stirso.pt](mailto:mmap.cm-stirso.pt)

[museus@cm-stirso.pt](mailto:museus@cm-stirso.pt)

(+351) 252 830 410

# ÂNGELA FERREIRA



# FERNANDO JOSÉ PEREIRA



## CONTRATO (A TEMPO INDETERMINADO)

**27 ABR  
22 JUN**

**M** MUSEU  
INTERNACIONAL  
ESCULTURA  
CONTEMPORÂNEA

SANTO TIRSO

O Tempo parece hoje querer fugir-nos das mãos, de tal forma se tem comprimido. Até ao nível da instantaneidade. E, isso, obviamente, provoca alterações que interferem connosco. Tudo se tornou, de repente, efémero. As amizades quase virtuais, os contratos de trabalho a tempo certo...precários, as capacidades de parar, de reflectir, de pensar, relegadas para uma espécie de categoria obsolescente. Este pode ser um (entre muitos) retrato do nosso real. A exposição que agora se apresenta quer ter esse contacto íntimo com a realidade e, por isso mesmo, não abdica de a confrontar directamente. Não para fornecer respostas, antes para o questionar, da forma peculiar que a arte o sabe fazer. Entre a escultura povoada por imagens e as imagens (vídeo) povoadas por elementos escultóricos se fazem os trabalhos apresentados por Fernando José Pereira e Ângela Ferreira.

Ela (a exposição) nasce duma simples ideia. Um desejo de dar continuidade a afinidades que se marcam precisamente pelo contar do tempo lento, longo e calmo. Nasce de uma estranha confiança em empatias humanas, políticas, éticas e artísticas que perduram e subsistem à imposição do comprimir do tempo, às explosões de comunicação e à tirania da efemeridade. Nesta exposição pretendemos testar a validade desses critérios. Pretendemos testar se, ao partilharem um espaço museológico, as obras de arte são capazes de reflectir estes valores basilares que nós próprios quase esquecemos.

O esquecimento é, aliás, um sentir com o qual não queremos compactuar. As obras que compõem a exposição esforçam-se por resistir às consequências da desmemorização do nosso presente. Querem afirmar a sua vitalidade como testemunhos de um tempo que exige as dimensões próprias do Tempo, quer dizer, as camadas de significações que este potencia: o passado, o presente e o futuro e não só esse presente perpétuo em que parecemos estar enclausurados. Talvez por isso, são obras que são exigentes para com o seu público pois, mais que tudo, solicitam-no para serem vistas, sentidas, para serem reflectidas. Afinal, sem tempo não há reflexão e sem reflexão não poderá nunca existir arte.

São, também, obras desafiadoras das categorias disciplinares, representativas dessa espécie de fronteira porosa que permite as mais variadas interligações, sem receios e sem bloqueios. Livres para incorporar no seu fazer e no seu apresentar as contaminações que com muita satisfação aceitam e que, naturalmente, tornam suas por inclusão.

É, aliás, de inclusão que se constrói a exposição. Desde logo a partir da ideia de contrato - *trazer junto*, na sua etimologia - por um tempo indeterminado, mas, também, pela possibilidade de incluir no seu âmago um desejo de partilha que permita às obras presentes prolongarem-se já fora da sua espacialidade num tempo que lhes seja posterior. Nessa espécie de estranha ressonância que às vezes as obras são capazes de produzir nos espectadores que as fruem.

Pode ser.

*Fernando José Pereira e Ângela Ferreira, Março 2018*

Time seems of late to slip away between our fingers, such is the way it has been compressed, even at the level of every fleeting moment. That leads to changes that obviously interfere with our lives. Everything has suddenly become ephemeral. Almost virtual friendships, fixed-term employment contracts, job insecurity... The ability to pause, think, reason is dismissed as obsolete. This may be one (among many) possible description of our reality. The exhibition now opening is intended as an attempt to recover that intimate contact with reality and, precisely because of that, does not cease to challenge it - not to provide answers, but to question it instead, in that particular way pertaining to art. Thus, the works shown by Fernando José Pereira and Ângela Ferreira move between sculpture inhabited by images and (video) images inhabited by sculptural elements.

The seed for this exhibit is to be found in a simple idea - the wish to give continuity to affinities built over the slow, long and peaceful passing of time. It comes about from a rare confidence in human, political, ethical and artistic empathies defying the compulsion to compress time, the outbreaks of communication frenzies and the tyranny of ephemerality. Through this exhibition, we want to put the validity of those criteria to the test. We want to see if, by sharing the same museum halls, the artworks are capable of revealing those fundamental values which we ourselves almost forget.

Besides, oblivion is something with which we will not go along. The pieces making up the exhibition represent an effort to oppose the consequences of today's forgetfulness. On the contrary, they signal their vitality by standing as witnesses of a time which reclaims the dimensions of Time itself, that is, all the layers of meaning that Time allows for: the past, the present and the future, instead of this continuous present in which we feel trapped. That is perhaps why these pieces are so demanding on viewers, as they mainly ask to be observed, felt and thought over. After all, there is no reflexion without time, and no art without reflexion.

These are also works that challenge their own disciplines, as they are located at that permeable border line allowing for the most varied interconnections, beyond any fears or limitations. They are free to incorporate within themselves all the contaminations which they willingly accept and naturally include as their own.

Inclusion is, in fact, what this exhibition is all about - stemming from the idea of a "contract" ("drawn together", according to its etymology) for an indeterminate period of time, as well as from the possibility of having in its core the will to share, so that all these pieces may reach out beyond their tangible space into some kind of afterlife, creating that unique type of resonance that ripples through the viewers coming to enjoy them.

It is possible.

*Fernando José Pereira and Ângela Ferreira, March 2018*